

Marina da Costa Castanho

Universidade de Lisboa, Centro de Estudos Clássicos

Algumas reflexões sobre o poema de Bocage “À morte de Leandro e Hero”

O mito de Hero e Leandro encontra diversas reescritas e reinterpretações na literatura portuguesa ao longo dos séculos. Tendo em mente a actual edição coordenada por Maria Cristina Pimentel¹ e os recentes estudos de Maria Madalena Fernandes Simões² e José Cândido de Oliveira Martins³ acerca da projecção desta história de amor nos escritores lusitanos (e não só), podemos salientar, como exemplos, os sonetos de Luís de Camões, “Seguia aquelle fogo, que o guiava” (n.º 61), “De um tão felice engenho produzido” (n.º 151); a canção de Manuel Quintano de Vasconcelos, “Soltava a noite escura”; o romance burlesco de Francisco Manuel de Melo, “Leandro e Ero, fábula entretenida”; e a cantata de Bocage, “À morte de Leandro e Hero”. No congresso dedicado à comemoração dos 25 anos da Associação Portuguesa de Literatura Comparada – *Pensar o Comparatismo: Percursos, Impasses, Perspectivas* –, sem obedecer a qualquer critério de selecção, apresentámos algumas reflexões sobre o poema deste último autor e os possí-

¹ Maria Cristina Pimentel *et al.*, *Hero e Leandro, Leituras de um Mito: Ovídio, Museu, Marlowe, Ben Jonson, seguidos de uma Antologia de Autores Portugueses* (Lisboa: Cotovia, 2012).

² Maria Madalena Fernandes Simões, *A demanda do amor e o amor da demanda: leituras de Hero e Leandro de Museu* (Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2006), pp. 165-172.

³ José Cândido Martins, “Recepção do mito de Leandro e Hero. Da sensibilidade pré-romântica ao pós-romantismo”, *Mitos e Heróis. A expressão do imaginário* (Braga: Aletheia, 2012), pp. 479-502; José Cândido Martins, “Recepção do mito de Leandro e Hero na poesia portuguesa: do renascimento à arcádia neoclássica” (*Revista Portuguesa de Humanidades*, 13 (2), 2009), pp. 103-138.

veis liames que se estabelecem entre o seu texto e as versões primas do mito atribuídas a Ovídio e Museu.

A nossa primeira reflexão parte do título da cantata bocagiana, de onde sobressai logo uma das características da doutrina estética da arcádia, pela referência ao mito greco-romano. A par dos nomes das personagens, o vocábulo “morte” permite ainda situar o leitor num momento específico desta fábula, para onde converge toda a atenção do poeta. Nas versões de Ovídio e de Museu⁴, embora o destino fatídico do casal esteja latente em agouros e presságios, como também no texto em questão, e Museu conclua a sua obra com o derradeiro suspiro de Hero ao ver Leandro sem vida, há outros assuntos que ganham especial relevância, como, por exemplo, a descrição do primeiro encontro⁵ e da primeira noite⁶ dos jovens amantes. A escolha de Bocage, porém, não é ocasional. Segundo António José Saraiva e Óscar Lopes, em *História da Literatura Portuguesa*⁷, “a morte é uma ideia que constantemente o persegue”, e a descrição do cenário que inicia a cantata, pelo seu poder imagético, pode de certa forma confirmar isso.

Com efeito, nos dezasseis versos iniciais, o surgimento da “Noite”, a sua comunhão com outras figuras personificadas (a “Tristeza”, o “Silêncio”, o “Medo”, a “Solidão”, o “Amor” e o “Crime”), a presença de “fantasmas” e “aves sinistras” e o culminar de uma tempestade que devasta o Helesponto criam o ambiente necessário, o típico *locus horrendus*, para a acção do fado. Ovídio e Museu também não deixam de realçar as condições climáticas que abalavam o estreito na noite em que Leandro desejava ver a amada, pois essa é uma característica fulcral do mito (*Heróide* 18, vv. 7-10):

⁴ Utilizamos as traduções que se encontram na edição de Maria Cristina Pimentel, *op. cit.*: Ovídio, *Heróides* (18 e 19), tradução do latim de Marina da Costa Castanho, pp. 23-43; Museu, *Hero e Leandro*, tradução do grego de Madalena Simões, pp. 55-69.

⁵ Ver Museu, vv. 42-231.

⁶ Ver Ovídio, *Heróide* 18, vv. 53-124; Museu, vv. 232-292.

⁷ António José Saraiva et Óscar Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, 2.^a edição corrigida (Porto: Porto Editora, *sine data*), p. 624.

Tu própria vês o céu mais negro que o pez e o estreito agitado
pelos ventos, onde a muito custo navegam os côncavos barcos.
Apenas um marinheiro, e este audaz, por quem te é entregue
a minha carta, iniciou a viagem zarpando deste porto.

Mas, enquanto Ovídio recorre, por exemplo, aos discursos de Leandro a Bóreas (*Heróide* 18, vv. 37-48) e de Hero a Neptuno (*Heróide* 19, vv. 129-150) para manifestar o péssimo estado do tempo e as atitudes e pensamentos das personagens quanto a essa ameaça, não se prendendo directamente com exaustivas descrições do temporal, Museu e Bocage, ainda que assinalem as interpelações do protagonista a algumas divindades⁸, dão azo à caracterização do cenário e partilham algumas semelhanças quanto a este aspecto. Relembramos, por exemplo, os versos 293 a 311 do autor grego:

Quando de repente chegou a estação do Inverno gelado,
que traz assustadores vendavais muito rodopiantes,
rajadas invernosas atingiram as profundezas instáveis
e as fundações húmidas do mar; sopravam repetidamente com força,
em tempestade, fustigando o mar inteiro.

[...]

Era noite, numa altura em que as rajadas demasiado
enfurecidas e os ventos bramindo furacões de inverno
recaíam em peso sobre a orla do mar.

versos que parecem ter sido sintetizados por Bocage nos versos 10 a 16 com a sua razão de ser pela carga negativa que transmitem:

Eis manso e manso as nuvens se entumecem,
Eis o líquido peso
Rompe os enormes, carregados bojos,
Em torrentes sussurra e cai na terra.
Rebentam furacões, flamejam raios,
O estrondoso trovão no céu rebrama,
O Helesponto nas rochas ferve e ronca.

⁸ No caso de Museu, ver vv. 318-322; no caso de Bocage, de cujo texto se encontra na edição de Maria Cristina Pimentel, *op cit.*, pp.175-180, ver vv. 73-76.

Num quadro dominado pelas trevas, o único elemento que representa a vida deixa de ter lugar no plano da salvação dos protagonistas. Referimo-nos ao *lumen* que Hero ergue na alta torre e que guia Leandro de Abido até Sesto. Nos três textos que analisamos e considerando a tradição mitológica, o *lumen* exerce um papel decisivo, porque dele depende o sucesso da empresa de Leandro, a união dos apaixonados do outro lado do mar e o seu destino fatal. De facto, nos primeiros encontros, o êxito é assegurado pela iluminação do trajecto e tanto Hero como Leandro estão cientes da função do archote como guia e confidente. Avisa o herói a amada no final da sua epístola (*Heróide* 18, vv. 215-216):

Mal a tempestade o permita, usarei os remos do meu corpo.

Tu, mantém apenas a luz sempre de modo que eu possa ver.

Este é um breve exemplo das várias alusões ao *lumen* em Ovídio (cf. *e. g. Heróide* 18, vv. 31-32, 59-60, 105-106; *Heróide* 19, vv. 33-35). Quanto a Museu, a par da constante referência ao facho luminoso como adjuvante (cf. *e.g.* vv. 1, 6, 8, 25, 210-215, 221-224), é interessante notar a permanente chamada de atenção para o seu lado taciturno (cf. *e.g.* vv. 11-15, 216-219, 329-330, 336-339), evidentemente sujeito à regência suprema do fado. Em Bocage, as expressões “o brilhante sinal” (v. 25), “o amigo lume” (v. 25), “o distante, o caro lume” (v.65), “astro benigno” (v. 66), “doce luz” (v. 70), “viva luz” (v. 112, 115), “esperta chama” (v. 117), bem como a prevalência da metáfora do amor como fogo (v. 26), também manifesta em Ovídio (cf. *e. g. Heróide* 18, vv. 85-86) e em Museu (cf. *e.g.* v. 8), encerram a principal essência deste elemento na história.

Pelo movimento trémulo da chama prestes a findar-se ou quando definitivamente se apaga, sabe-se que a morte de Leandro se seguirá ou que ocorrerá naquele momento e que a de Hero resultará como consequência. Efectivamente, não deixa de ser um desenrolar sucessivo e célere de episódios funestos, e as leituras que os três autores nos apresentam do mito são realmente muito particulares, apesar de ser possível destacar algumas diferentes materializações, e respectivas interpretações, dos mesmos tópicos. Começemos por Ovídio. Ao contrário de Museu e de Bocage, no relato do poeta sulmonense, a voz do herói e da heroína coincidem com

a sua; isto é, enquanto Leandro e Hero inconscientemente divagam sobre os seus desejos, receios e expectativas, Ovídio aproveita para alertar o leitor para a morte que os aguarda mediante determinados indícios trágicos que eles próprios comunicam. Nas duas epístolas, esta situação é uma constante e permite-nos inferir que, apesar da tempestade, o espaço onde se dará o instante derradeiro de Leandro será indubitavelmente no Helesponto (confirmemos esta inferência a partir da alusão ao mito de Dédalo e Ícaro (*Heróide* 18, vv. 49-52) e de Hele e Frixo (*Heróide* 18, 141-144), cuja morte ocorreu no mesmo lugar) e que o jovem abideno chegará sem vida à praia de Sesto, como podemos conjecturar a partir do sonho de Hero com um golfinho que dá à costa inanimado (*Heróide* 19, vv. 195-204). A provável atitude de Hero ante o corpo do amado é ironicamente prevista por este (*Heróide* 18, vv. 197-200):

Escolherei todavia ser arremessado para aquela região
e que os náufragos membros atinjam o teu porto.
Chorarás certamente, e dignar-te-ás tocar no meu corpo.
E hás-de dizer: “Eu é que fui a causa da sua morte.”

Quanto ao fim da jovem, podemos deduzi-lo a partir das suas ameaças em que sustenta que só estará a salvo se Leandro também estiver (*Heróide* 19, vv. 205-206), ou pela referência a Hele (*Heróide* 19, vv. 123-128), na medida em que também ela será vítima do Helesponto, se o amante aí falecer. Na obra de Museu, cuja voz dá espaço às personagens para dizerem o que pensam ou o que lhes vai na alma em determinadas circunstâncias, apesar de a morte de Leandro tomar grande parte do desenvolvimento, a alusão à de Hero ocupa os últimos versos (cf. vv. 331-343). Com efeito, das fontes que chegaram até nós, o poeta grego é o primeiro autor a falar directamente do fatídico destino de Hero. Contudo, não se demora, apenas salienta (vv. 338-343):

(...) Mas quando junto à base da torre,
esfolado contra as pedras, viu o cadáver do companheiro,
rsgou no peito a trabalhada túnica
e de cabeça para a frente, com ruído, lançou-se da alta torre.
Assim morre Hero: unida ao marido perecia.
Gozaram um do outro até ao último momento.

Tal como Museu, Bocage relata o trágico final da jovem, mas inova no sentido de um tratamento proeminente da sua descrição, como faz com Leandro (vv. 17-105). Nela, podemos assinalar, em texto corrido, o estado de espírito de Hero perante os presságios (vv. 106-111), a vigia do *lumen* que se apaga com a tríade de zuniados de um “negro insecto” (vv. 112-136) e o pânico que de seguida se instala, o amanhecer de um novo dia (vv. 137-154) e o momento em que avista o amado (vv. 155 e ss.). O poeta lamenta o seu sofrimento (vv. 128-136) e até parece responder à previsão de Leandro nos versos citados anteriormente:

Depois, cevando a revoltosa ideia
Em terríveis imagens,
Ora do moço audaz o usado arrojo
Reprovas contigo,
Ora a cega imprudência maldizias,
Com que em tão desabrida, horrível noite
A perigosa senha aventuraras...
Ah triste! Contra ti não te conjures;
Foi lei dos Fados a imprudência tua.

Convém ainda sublinhar a inversão de papéis que se processa do poema de Ovídio para a cantata quanto aos “delfins”. Como pudemos verificar, enquanto Hero escreve a Leandro que sonhou com um golfinho sem vida na praia e que interpretamos como sendo o protagonista, no texto bocageano, são os “delfins” que assistem deplorando ao acontecimento infeliz do par amoroso (vv. 180-182):

Apiedados delfins nas ondas surgem,
E altos sons (oh prodígio!) derramando,
Lamentam junto à praia o duro caso.

Não poderíamos terminar o nosso estudo sem uma breve nota sobre os últimos versos da cantata transcritos pelo sujeito poético de uma “lisa pedra” “de marmóreo padrão”, erigida por alguém que se compadeceu desta “história triste”. Neles, está presente uma sinopse do momento específico de que falámos no início, isto é, a parte da fábula para onde

convergiu a inspiração e o labor do poeta – a morte de Hero e Leandro –, e um conselho (vv. 201-202): “Mortais amemos, / Mas não assim.” Nas versões de Ovídio e Museu, não encontramos esta mensagem escrita directamente, porque, por um lado, aparenta ser algo inerente ao mito e, por outro, cabe ao leitor chegar à conclusão mencionada. De qualquer forma, Bocage sublinha a necessidade de se reflectir sobre os amores de Hero e Leandro e de se estar prevenido para circunstâncias semelhantes. O autor ainda parece subentender que, enquanto “mortais”, podemos alterar o rumo das leis inexoráveis.

Em suma, entre os três textos apresentados, não se esgotam as ligações que podemos identificar pelo critério de semelhança e originalidade. Entretanto, o poema de Bocage, em conjunto com o de Ovídio e Museu, fornece-nos uma leitura única e completa do mito em questão. Sem considerar a posição dos autores no friso cronológico, é possível esboçar, em última análise, o seguinte plano: Museu relata em extensão o primeiro encontro do casal, Ovídio, pelas palavras do herói, recorda a primeira travessia e, por fim, Bocage descreve pormenorizadamente a acção do fado que cega e conduz as personagens para o seu primeiro encontro *post mortem* e encerra a cantata (ou a sua própria leitura do mito) a aconselhar o leitor a amar de forma prudente.